

A desinformação é o parasita do século XXI

Misinformation is the parasite of the 21st century

La desinformación es el parásito del siglo XXI



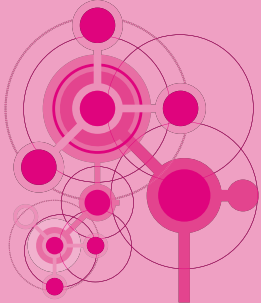
Pollyana Ferrari

- Pós-doutorado pela Universidade Beira Interior (Portugal).
- Doutora pela Universidade de São Paulo (USP).
- Professora no Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
- Coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunidata, registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
- E-mail: pollyana@pucsp.br



Margareth Boarini

- Doutora em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) pela PUC-SP.
- Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo.
- Integra o Grupo de Pesquisa Comunidata.
- E-mail: magaboarini@gmail.com



Resumo

Juntos, os fenômenos da desinformação, das *fake news* e do negacionismo ganharam robustez e fluidez e passaram a demandar uma atenção permanente pautada na multi, inter e transdisciplinaridade. Por meio de pesquisa bibliográfica e do estudo de casos reais, o artigo traz reflexões e fatores que movem os fenômenos e reflete ainda sobre ações que podem ser usadas no estímulo ao pensamento crítico das audiências.

PALAVRAS-CHAVE: DESINFORMAÇÃO • FAKE NEWS • NEGACIONISMO • COMUNICAÇÃO • RIZOMA.

Abstract

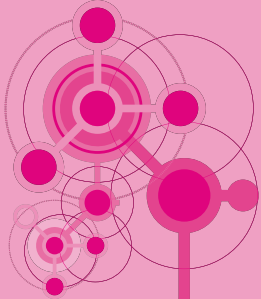
Together, the phenomena of misinformation, fake news and denialism have gained strength and fluidity and have demanded permanent attention based on multi-, inter- and transdisciplinarity. Via bibliographic investigation and real case studies, this article notes reflexions and elements that affect these phenomena and highlights initiatives that can be used to stimulate critical thinking in audiences.

KEYWORDS: MISINFORMATION • FAKE NEWS • DENIALISM • COMMUNICATION • RHIZOME.

Resumen

Los fenómenos de desinformación, las noticias falsas y el negacionismo ganaron fuerza y fluidez y comenzaron a exigir atención permanente basada en la multi, inter y transdisciplinariedad. A partir de la investigación bibliográfica y el estudio de casos reales, el artículo aporta con reflexiones y factores que mueven los fenómenos y también reflexiona sobre acciones que pueden usarse para estimular el pensamiento crítico de las audiencias.

PALABRAS CLAVE: DESINFORMACIÓN • NOTICIAS FALSAS • NEGACIONISMO • COMUNICACIÓN • RIZOMA.



INTRODUÇÃO

A desinformação tem ganhado robustez e se tornado mais fluida. As *fake news* se tornaram frequentes e incorporadas ao cotidiano. O negacionismo tem sido empregado como recurso para evidenciar temas que chamem atenção da opinião pública ao mesmo tempo que minimiza outros para servir a interesses políticos.

Nenhum desses fenômenos é novo na história. Ferrari (2018) diz que, desde o Império Romano, notícias falsas ou com intuito de gerar conflito e confusão são disseminadas e que, hoje, a mentira está tomando conta de tudo, que se transformou numa vertente da desinformação. Por esta abrangência complexa de intenções, cenários e ferramentas que a mentira vem se valendo ao longo dos tempos, Wardle e Derakhshan (2017) buscaram abrigar no termo “desordem da informação” a dinâmica dos fenômenos que classificam de *mis-information*, *dis-information* e *mal-information*, que abordaremos mais adiante. O negacionismo, por sua vez, conforme Naquet (apud Caldeira Neto, 2009), tomou vulto logo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando, inicialmente, tentou relativizar o número de vítimas decorrentes das práticas do Holocausto. A negação do fato em si veio somente depois, com a negativa da existência das câmaras de gás (Caldeira Neto, 2009).

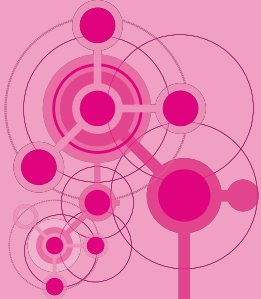
Os efeitos proporcionados pelas características inerentes da vida em rede digital, como o imediatismo e a capilaridade, têm contribuído para expandir o espectro de estrago na confluência desses três fenômenos e sua relevância como risco à democracia. Começamos a discutir *fake news* em alcance global com a eleição de Donald Trump (EUA), depois foi a vez do Brexit (*British exit*), e observamos um crescimento nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil. Mas, com o coronavírus, esse fenômeno explodiu. A desinformação é o vírus deste século. Houve – para ilustrar – casos de norte-americanos que consumiram desinfetante a partir de um tuite falso publicado por Donald Trump (como explicado mais adiante).

Por meio de uma base bibliográfica amparada em casos reais, este artigo traz reflexões sobre o processo de desinformação constituído pela confluência dos fenômenos descritos e que têm pontuado a sociedade ao longo do período da pandemia da Covid-19 – decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020¹. O artigo também reflete sobre ações de como a comunicação pode aprimorar seu exercício neste que se evidencia um dos combates mais desafiadores e duradouros da nossa era. O resultado revela a demanda por um olhar e por iniciativas que transcendam a comunicação, com foco e parceria na multi, inter e transdisciplinaridade.

OS EFEITOS COMPLEXOS NA CONFLUÊNCIA DOS FENÔMENOS

O processo de desinformação, de *fake news* e do negacionismo tem sido construído sob a forma de rizoma (Deleuze; Guattari, 1995) e, portanto, tem se valido da dinâmica frenética, da capacidade de conexão em dimensões multilaterais que a vida em rede oferece. “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo”, conforme conceituação de Deleuze e Guattari (1995). Os três fenômenos podem vir à luz a partir de intenções independentes, mas podem, igualmente, ser potencializados e agir conjuntamente, de maneira interdependente, valendo-se dos efeitos poderosos das ferramentas comunicacionais que a tecnologia atual oferece.

¹ Disponível em: <https://bit.ly/2IGc221>. Acesso em: 20 maio 2020.



No estudo *Information Disorder* do *Council of Europe Report* 2017, Wardle e Derakhshan (2017) classificaram o composto da desordem na informação em *mis-information*, *dis-information* e *mal-information*. A primeira classificação – *mis-information* – refere-se a uma informação falsa compartilhada sem a intenção de prejudicar. A segunda – *dis-information* – diz respeito a uma informação falsa compartilhada com o intuito de prejudicar. A terceira denominação – *mal-information* –, por sua vez, trata de uma informação genuína compartilhada para causar prejuízo e, geralmente, acontece quando a transferem da esfera privada para a pública, como acontece no processo de vazamento de informação, por exemplo (Wardle; Derakhshan, 2017).

Conforme afirma Ferrari (2020, p.32): “o *fake* é o parasita do século XXI. Volto a minha mente para a definição do dicionário para parasita: ‘organismo que vive de e em outro organismo, dele obtendo alimento e não raro causando-lhe dano’, o que poderia ser – a meu ver – uma das definições de desinformação”.

Em nosso estudo, percebemos a confluência de práticas “desinformativas” com negacionistas, conferindo robustez, agilidade e capilaridade no fluxo informacional e comunicacional orientado a motivar instabilidade sociopolítica. O excesso de informação e a dinâmica de fluidez frenética da vida em rede atordoa o cidadão e é justamente esse excesso que atinge a capacidade analítica, definindo o pensamento, avalia Han (2018), que ainda adverte para o risco de que, sem defesa imunológica, massas de informação nos adentram facilmente. Uma vez que o processo de desinformação se torna endêmico e robusto, fica garantida a eficácia tanto na entrega da informação como na obtenção da instabilidade com ela pretendida.

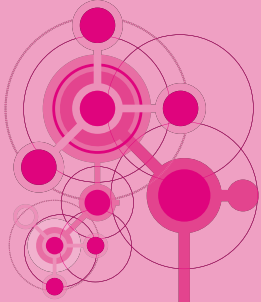
As características de um rizoma encontram na configuração da rede digital um perfeito habitat: é no meio dele em que as coisas adquirem velocidade e um rizoma é unicamente aliança (Deleuze; Guattari, 1995). O processo de caráter rizomorfo se transformou numa situação endêmica e demanda um olhar e combate sistêmico. A conjunção de alguns fatores tem contribuído para a força do processo de desinformação: a configuração das redes digitais, a possibilidade de exploração dos recursos tecnológicos dentro do universo narrativo para alcançar audiências gerais ou delimitadas por bolhas e a crise de confiança sofrida por instituições como a imprensa e a ciência. Não se trata de fatores exclusivamente estanques, mas que têm capacidade de agir de forma simultânea e confluyente.

A configuração das redes sociais digitais pode encabeçar a lista de fatores por conta da reconfiguração causada por elas na sociedade como um todo – do seu imediatismo, da capilaridade e da capacidade de atingir audiências gigantescas, diversas ou limitadas por bolhas, e, mais recentemente, da atuação dos não humanos como agentes comunicacionais, *bots* e algoritmos, por exemplo (Ferrari, 2018; Pariser, 2011).

Um segundo fator reside no universo da narrativa que, nas últimas décadas, se fortaleceu com os novos formatos e recursos de texto, imagem e som – conjugados ou não, animados ou inanimados, reais ou não –, e, em muitos momentos, se valendo do apelo do sentimento de “gente como a gente”. Bruno e Roque (2019, p.156) lançam a formulação de hipóteses para compreender o que leva as pessoas a aderirem às narrativas nas redes, um fenômeno muito mais complexo do que simplesmente considerá-las ignorantes ou manipuláveis: “Podem existir desde aqueles que acreditam duvidando até aqueles que repassam mesmo sem acreditar plenamente – fora os que não se importam se a notícia é verdadeira ou não”.

Bruno e Roque (2019) reforçam que o efeito persuasivo e de engajamento é mais potente em mensagens que carregam emoções fortes e, quando se trata de medo ou raiva, por exemplo, o compartilhamento é praticamente certo.

Num cenário já pontuado pelo excesso de informação, com a confiança em instituições como a imprensa e a ciência colocadas em posição de xeque-mate e, portanto, favoráveis a ecoar bases de movimentos tradicionalmente negacionistas, basta o emprego correto de ferramentas tecnológicas disponíveis e um bom plano de ação, para que a opinião do público corra o risco de ser “trabalhada”.



Na avaliação de Farias (2019, p.27), a interação entre pares estimula o que ele define como “a cultura da informação em pílulas”, uma vez que não se trata de informação aprofundada. “A opinião é mutante e vem de um constructo baseado em interações e interesses; quando se torna opinião pública, é por um processo de maximização de significados de interações e negociações de interesses concretos e simbólicos”, afirma Farias (2016, p.251). Por estes motivos, o autor define como volátil a natureza da formação da opinião, uma vez que depende de informação e debate.

Bruno e Roque (2019) recorrem como exemplo à campanha presidencial de Jair Bolsonaro em 2018, quando foi empregado o mesmo recurso da segmentação utilizado na propaganda em que uma mensagem é disparada para grupos de afinidade: “A propagação de uma mensagem é mais efetiva quando feita por pessoas com as quais as outras se identificam, e não por agentes facilmente reconhecíveis como propagadores interessados” (Bruno; Roque, 2019, p.119).

Durante o período de pandemia da Covid-19, o presidente Donald Trump, que sempre se mostrou negacionista para a questão climática, mostrou-se negacionista também para a questão da letalidade do vírus em diversas ocasiões. Entre elas, em abril de 2020, sugeriu para as pessoas tomarem uma injeção com um desinfetante ou buscarem se tratar com luz solar².

A repercussão foi imensa, com cobertura da imprensa nacional dos EUA e internacional. Além disso, a empresa Reckitt Benckiser (dona das marcas Lysol e Vanish) emitiu um comunicado alertando as pessoas a não tomarem seus produtos por injeção ou por qualquer outro tipo de método³, conforme reportagem na rede NBC em 23 de abril de 2020. No comunicado oficial, a Reckitt Benckiser não cita o presidente Trump e dá o tom de ser uma resposta geral a questionamentos de pessoas e *posts* referentes ao tema nas redes sociais – “devido à recente especulação e atividade nas redes sociais” e a questionamentos sobre a eficácia de desinfetante no combate ao vírus⁴. Outra repercussão foi sentida no Centro de Controle de Envenenamentos daquele país, que disse ter atendido cerca de trinta casos de exposição possível a desinfetante (nove com Lysol, onze com água sanitária e onze com produtos de higiene em geral), segundo reportagem do portal UOL de 25 de abril de 2020⁵. Como parte ainda da repercussão, o presidente Trump afirmou que, ao proferir a sugestão, estava sendo sarcástico e foi incompreendido, de acordo com reportagem publicada no portal UOL⁶ dois dias depois.

No caso ilustrado, o que podemos considerar é que, apesar de o presidente Trump ter mencionado a injeção de desinfetante, de não ser médico e de nem ter afirmado isso com aval de cientistas ou médicos, algumas pessoas acataram a sugestão, seja administrando o produto, seja procurando a empresa fabricante para tirar dúvidas a respeito. Essa repercussão nos permite concluir o quanto o processo de desinformação se tornou robusto e nos mostra a confluência da desinformação, das *fake news* e do negacionismo gerada no topo da escala hierárquica do governo norte-americano neste caso. Também nos permite endossar o questionamento de Bruno e Roque (2019) sobre o que leva algumas pessoas a acreditarem em informações sem que façam qualquer tipo de questionamento. Durante o período da pandemia, a imprensa tem aberto espaço para o pronunciamento das classes médicas e científicas, mas o fato de a credibilidade de todos ser questionável por pessoas e autoridades que negam vários temas referentes ao vírus pode ter funcionado como um gatilho para a aceitação dessa sugestão como verdade.

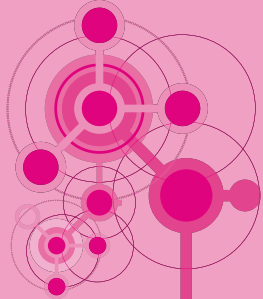
2 Disponível em: <https://nbcnews.to/3a2TB2L>. Acesso em: 23 maio 2020.

3 Disponível em: <https://bbc.in/3oLIsHU>. Acesso em: 23 maio 2020.

4 Disponível em: <https://bit.ly/3n9BYlu>. Acesso em: 23 maio 2020. Tradução nossa.

5 Disponível em: <https://bit.ly/2LumY3N>. Acesso em: 23 maio 2020.

6 Disponível em: <https://bit.ly/3oHmVzV>. Acesso em: 23 maio 2020.



A DINÂMICA DAS BOLHAS NA CONQUISTA DA CONFIANÇA

As bolhas e, respectivamente, seus membros têm suas preferências e conexões facilmente escaneadas, o que colabora para alimentar a dinâmica de gatilhos das emoções. Pariser (2011, p.50) alerta para o fato de que a tela de nosso computador funciona como “uma espécie de espelho que reflete nossos próprios interesses, baseando-se na análise de nossos cliques feitas por observadores algorítmicos”. A dinâmica das bolhas (Pariser, 2011, p.1.104) também é capaz de exercer um tipo de curadoria de controle: “transforma inevitavelmente o mundo que vivenciamos, determinando o que vemos e o que não vemos. Ela interfere na inter-relação entre nossos processos mentais e o ambiente externo”.

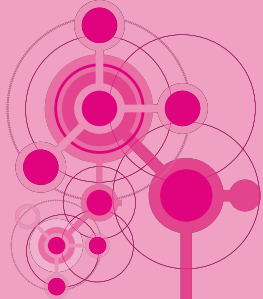
Santaella (2019, p.111) discute quão paradoxal é esse cenário, uma vez que o mesmo filtro que rege as bolhas e que contribui para reduzir o excesso de informação é aquele que “agencia a proliferação de paisagens falsas que provocam efeitos sensíveis na vida real, especialmente na política, campo sobre o qual recaem as maiores preocupações acerca da fake news”. Os algoritmos agem de forma invisível para traçar precisamente o perfil do usuário e da bolha a que pertence, baseados nas notícias que damos sobre nós mesmos nas redes (Santaella, 2019).

Com base em todas as observações e dados dos mais diversos coletados, torna-se possível desenhar comportamentos futuros das pessoas pelas plataformas e pelos algoritmos digitais, conforme Lemos e Marques (2020). Os autores ressaltam o fato de que, dentro de uma sociedade com vigilância direcionada por dados, toda a ação humana é transformada em rastro digital, seja de forma mais ou menos granular. Para tanto, traçam uma analogia interessante valendo-se de duas formas diferentes de olhar o mundo nestes tempos de confinamento pela Covid-19 – a partir da janela de nossa casa e pela tela do celular ou do computador. Ao olhar pela janela da casa, é possível vigiar o vizinho, a casa dele, seu corpo e movimentos sem, porém, saber nada sobre ele. Ao olhar para este mesmo vizinho, no entanto, por meio da tela de um dispositivo e visitando as páginas dele nas redes sociais, torna-se possível conhecer tudo sobre ele, sobre o que ele pensa, do que gosta, quais lugares visita etc. (Lemos; Marques, 2020).

O terceiro fator determinante diz respeito à crise de confiança vivida por instituições como a imprensa e a ciência, entre outras. O autor Yuval Noah Harari lançou um *post* em sua página na rede social Twitter, em 12 de março de 2020⁷, contextualizando a questão da crise de confiança vivida na contemporaneidade, tendo como cenário a pandemia da Covid-19. Na sua visão, “para derrotar uma pandemia, as pessoas precisam confiar na comunidade científica. Os cidadãos precisam confiar nas autoridades públicas, e os países precisam confiar uns nos outros”. Ao longo do período de pandemia, vivenciamos experiências diversamente polarizadas, ora com a prevalência da confiança em chefes de Estado e na comunidade científica, ora com a prevalência na projeção de teses negacionistas e de teorias conspiratórias, como se mostrou evidente no Brasil e nos Estados Unidos.

Num contexto em que a disrupção mais forte enfrentada pela humanidade adveio da microbiologia, é natural que cientistas e médicos se tornem influenciadores, mas a onda negacionista lesionou esse processo, obrigando os profissionais a gastarem muito tempo, desde que a pandemia foi decretada pela OMS, desmentindo informações divulgadas sem respaldo científico. “A crítica é necessária para a ciência, pois, sem ela, não há evolução, ampliação do conhecimento e ruptura de paradigmas”, afirma Paulo Amarante (apud Testino, 2020), psicanalista e pesquisador da Fiocruz, na reportagem “Negacionismo prejudica não só a saúde como as conquistas e avanços da medicina”, publicada no portal UOL. Segundo ele, é preciso, no entanto, diferenciar negacionismo de negação. Negação é um mecanismo de defesa, dentro da psicanálise, enquanto “negacionismo é outra coisa. É uma atitude mais política. O que está em jogo é o discurso de poder” (Amarante apud Testino, 2020).

⁷ Disponível em: <https://bit.ly/3oHCPKt>. Acesso em: 20 maio 2020.



O negacionismo não só é antigo como se vale de um espectro bastante abrangente, valendo-se, na grande maioria dos casos, do discurso de poder, passando de Galileu a Holocausto, até a crise climática, vacinas e pandemia da Covid-19, entre outros temas. Galileu Galilei recebeu sua sentença de um tribunal da inquisição em 1633, por defender o modelo de Copérnico de que a Terra girava em torno do Sol, e este fato traz revelações sobre situações vivenciadas nos dias de hoje. As motivações são diferentes, mas seus efeitos são os mesmos. No caso da questão climática e de algumas respostas iniciais à pandemia da Covid-19, por exemplo, fica claro que as ações são motivadas pelo conservadorismo político, enquanto, no caso de Galileu, a principal motivação era religiosa (Mario Livio apud Neiva, 2020)⁸.

No caso específico do Brasil, durante o período de pandemia, algumas frases proferidas pelo presidente Jair Bolsonaro demonstraram sua visão negacionista com relação à letalidade da Covid-19, permearam e encontraram aderência não apenas por diversos escalões do governo, como também na parcela da população que o apoia politicamente. Entre as frases publicadas em reportagem de Alex Tajra (2020) no portal UOL, destacamos:

“Tem a questão do coronavírus também que, no meu entender, está superdimensionado o poder destruidor desse vírus. Então talvez esteja sendo potencializado até por questão econômica, mas acredito que o Brasil, não é que vai dar certo, já deu certo”, presidente Jair Bolsonaro (9 mar. 2020).

“Se for todo mundo com coronavírus, é sinal de que tem estado que está fraudando a *causa mortis* daquelas pessoas, querendo fazer um uso político de números [...] Em São Paulo não estou acreditando nesses números”, presidente Jair Bolsonaro (29 mar. 2020), com relação ao número de mortos divulgados em São Paulo: 3.417 casos e 92 mortes.

“Vírus está indo embora”, presidente Jair Bolsonaro (12 abr. 2020). Neste dia, o número de casos em todo o país era de 22.169 e o de mortos era de 1.223. Segundo o site do Ministério da Saúde, o número de casos, no dia 23 maio de 2020, às 21:25, foi de 347.398 infectados e 22.013 de mortos em todo o país. O número de casos recuperados era de 142.587, segundo a mesma fonte no mesmo dia e hora⁹.

Uma pesquisa realizada pelo instituto Datafolha divulgada em 3 de abril de 2020¹⁰ mostra que 39% das pessoas ouvidas reprovavam o desempenho do presidente com relação à pandemia. Por várias noites aconteceram “panelaços” contra o presidente Bolsonaro em várias cidades do Brasil, assim como por vários domingos muitas cidades contaram com carreatas a favor de seu governo e contra medidas de isolamento social, entre outras ações. Ambos os lados se valeram da visibilidade e da capilaridade das redes – digital e não digital – para demonstrar a confiança e a desconfiança das pessoas sobre os fatos.

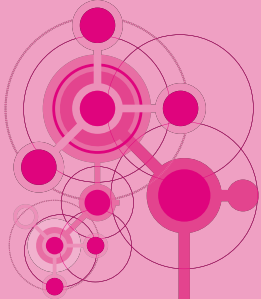
A edição 2019 do estudo *Trust Barometer* da agência de comunicação Edelman sintetiza na expressão “batalha da confiança” o cenário vivenciado na contemporaneidade. A persistência das notícias falsas, com o respaldo de tecnologias pervasivas (*big data*, *bots*, algoritmos) conferem, de fato, um clima de guerra entre quem se vale das benesses da mentira e de quem pretende desmenti-la. Em 2020, a Edelman realizou uma edição especial – Confiança e o Coronavírus – do estudo *Trust Barometer* por conta da pandemia, entre os dias 6 e 10 de março. Foram entrevistadas no total dez mil pessoas – mil de cada um dos dez países escolhidos: África do Sul, Alemanha, Brasil, Canadá, Coreia do Sul, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido.

Os resultados mostraram que sete em cada dez pessoas seguem notícias sobre o tema: 58% se preocupam com a politização da crise; a informação confiável está, por ordem: na imprensa (64%), no governo (40%) e nas mídias sociais (38%). Neste tópico, especificamente, chama a atenção o resultado obtido especificamente no Brasil: enquanto 59% dos entrevistados afirmam que a informação mais confiável sobre o tema pandemia está na imprensa, 64% afirmam que ela está nas mídias sociais.

8 Disponível em: <https://bbc.in/37T2rxi>. Acesso em: 30 maio 2020.

9 Disponível em: <https://bit.ly/345gTRF>. Acesso em: 23 maio 2020.

10 Disponível em: <https://bit.ly/2Lurlfd>. Acesso em: 23 maio 2020.



O estudo perguntou ainda sobre a credibilidade das informações e as respostas obtidas no Brasil foram: 85% se preocupam com a existência das *fake news*; 89% afirmaram que é preciso ouvir mais os cientistas e menos os políticos; 52% disseram encontrar dificuldades para encontrar informações confiáveis e de credibilidade sobre o vírus e seus efeitos. Indagamo-nos sobre o que causaria essa dificuldade em encontrar informações confiáveis: falta de acesso no geral, falta de acesso a sites que inspiram credibilidade, informação em linguagem acessível, entre outras questões.

As respostas sobre os porta-vozes mais confiáveis no Brasil, por ordem, foram: cientistas (91%), meu médico (86%), funcionários da OMS (82%), médicos e profissionais da saúde on-line (81%), uma pessoa como você (79%). Aqui, a atenção recai sobre “uma pessoa como você”, o “gente como a gente”, que pode expressar, de certa forma, tanto uma oportunidade como um risco para o combate à desinformação endêmica, uma vez que se refere à força das bolhas. Neste tópico, a imprensa surge como porta-voz confiável com 59% e no antepenúltimo lugar, enquanto as autoridades governamentais ocupam o último lugar, com 53%.

Roque (2020) evidencia a expansão do negacionismo com base na edição 2018 do estudo britânico *Welcome Global Monitor*, realizado em mais de 140 países com o objetivo de aferir como as pessoas se posicionam com relação à saúde e à ciência. De modo geral, 54% das pessoas afirmaram confiar “medianamente” na ciência. Ainda conforme avaliação da autora, o que se pode extrair disso é que é preciso haver “mais diálogo e melhores estratégias de convencimento e iniciativas de divulgação científica abertas à autocrítica”. Numa onda crescente e com potencial de se tornar mais robusta e significativa, o negacionismo e a desinformação encontram na ausência de diálogo e na falta de participação do público um aliado importante.

EDUCAÇÃO COM VISÃO E AÇÃO SISTÊMICAS

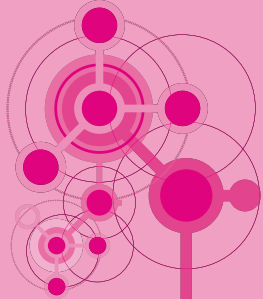
O processo da desinformação já demanda hoje um combate permanente, em várias frentes, sob olhar e ações multi, inter e transdisciplinares. A revisão de narrativas, o uso das melhores ferramentas tecnológicas, a construção e lapidar da credibilidade de porta-vozes de diferentes áreas, o resgate ou manutenção da confiança são temas que, embora sempre tenham sido, mais que nunca demandam atenção.

Ferrari (2018) defende a educação como a melhor arma contra a prática das notícias falsas e da desinformação, porque somente ela poderá “construir um exército de checadores”. Para desenvolver este estímulo de buscar e checar a veracidade de um fato, há que se trabalhar o pensamento crítico das pessoas.

É esse tipo de pensamento que funcionará como antídoto para a identificação de teorias conspiratórias e negacionistas, conforme acreditam Cook et al. (2020). Os autores analisaram o vídeo *Plandemic*, que, sob ótica negacionista, traz uma entrevista com a química Judy Mikovits, defensora da hipótese de que a pandemia da Covid-19 objetiva ampliar os lucros com a venda de vacinas.

Como forma de alertar as pessoas a se tornarem mais críticas ao conteúdo que gera desinformação e que está disponível na rede, os autores listam o que consideram características específicas de negacionistas e teóricos conspiratórios que o vídeo *Plandemic* usa como recurso para chamar atenção. A partir do conhecimento dessas técnicas, afirmam, as pessoas podem acionar a luz vermelha, a fim de criar resistência e pensamento crítico. Entre as características dos negacionistas, os autores do artigo destacam a postura do negacionista e do teórico da conspiração de que, por convicção, sempre há algo errado, de que se mostram e se posicionam sempre imunes a qualquer tipo de evidências e de agirem sempre como vítimas.

Já existem em curso iniciativas importantes na promoção da educação das pessoas no que diz respeito ao exercício de um pensamento crítico com relação a informações divulgadas, assim como o termo *fake news* já está disseminado, como demonstra o estudo da Edelman, que aponta que 85% das pessoas se preocupam com isso.



Acreditamos que esta seja uma tarefa diária e ubíqua nas escolas, em empresas, nos lares, por exemplo. O papel desempenhado pelas agências de checagem tem sido fundamental no combate à desinformação.

Ferrari (2019) afirma que vieram para ficar, mudaram a forma da linguagem jornalística por ser uma checagem diferente, com cruzamento de código de dados. O processo de checagem, porém, deve ser feito por todos – cada vez mais é importante ser um checador, de não acreditar na informação sem buscar a fonte.

A atenção à imagem dos porta-vozes é outro ponto que ganhou destaque na pandemia. Um exemplo que consideramos interessante é o resultado da audiência conquistada pelo programa *Roda Viva*, da TV Cultura, com Átila Iamarino, microbiologista e youtuber, totalizando 1,8 ponto, com pico de 3 pontos de audiência. Até então, o recorde estava com a edição que entrevistou o ex-ministro Sérgio Moro, que obteve 1,6 ponto. A narrativa que torna a microbiologia e o universo em torno da Covid-19 um tema de fácil compreensão para o cidadão comum é um dos motivos que podem ter contribuído para ampliar a imagem de confiança de Iamarino e para a grande audiência do programa.

Torna-se urgente, então, em nosso entendimento, a visibilização de expoentes de diversas áreas que dialoguem sob uma narrativa compreensível e atraente às audiências da contemporaneidade dentro do propósito de despertar o pensamento crítico, conquistando sua confiança.

O combate está em curso e o processo de desinformação está mais fluido. O caso da chegada do movimento *Sleeping Giants*¹¹ no Brasil também pode servir de ilustração. A chegada ao Brasil aconteceu por meio do lançamento de seu perfil na rede social Twitter em meados de maio de 2020, e o contra-ataque veio em menos de uma semana depois, com um perfil na mesma rede social, valendo-se de um trocadilho no nome – Gigantes Não Dormem – e rebatendo a acusação. O Gigantes Não Dormem se apresenta como um site de defesa dos conservadores.

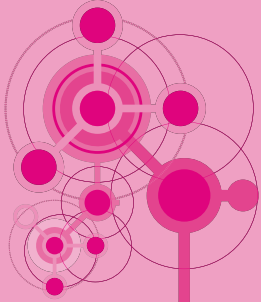
No quesito contra-ataque, também consideramos um bom caso a área climática. Para rebater a ativista adolescente Greta Thunberg, o movimento negacionista lançou a também adolescente Naomi Seibt, apresentada como a anti-Greta, segundo reportagem de Norberto Paredes, em 2 março de 2020, no portal da Época Negócios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Combater o processo de desinformação em curso na contemporaneidade se transformou numa tarefa árdua que demanda a atenção, o trabalho e a capacidade de diálogo de profissionais multi, inter e transdisciplinares. O cenário comunicacional pontuado por todos os elementos descritos acima cria bolhas de percepção equivocadas e perigosas que tendem a comprometer a saúde social e que só podem ser combatidas por meio da educação, do pensamento crítico e da ética" (Ferrari, 2018, p.76).

Não se trata apenas de empregar as ferramentas tecnológicas mais modernas e eficazes, mas de trabalhar a educação permanente, a quem os especialistas denominam de *life long learning*, e o exercício do pensamento crítico. Por educação, Ferrari (2018) considera aquela voltada para todas as pessoas de todas as faixas, idades e profissões, estejam ou não conectadas. Nesse processo educacional, portanto, o importante é criar ações inclusivas e permanentes de alunos da educação básica e idosos a funcionários de um condomínio residencial ou de uma empresa.

¹¹ O *Sleeping Giants* é um movimento que nasceu em 2016 pelo publicitário Matt Rivitz, com o objetivo de notificar marcas e empresas sobre a presença de anúncios em sites, blogs e páginas que disseminam notícias falsas.



Outro ponto relevante é a criação de representantes expoentes da ciência, da imprensa, entre outras áreas, capazes de traçar uma comunicação fluida e que traga diálogo com a população em geral. A pandemia da Covid-19 tem trazido lições neste quesito, ainda como outra sugestão está em tornar cada cidadão responsável pela disseminação da informação checada e combatente no processo da desinformação. Para isso, no entanto, é preciso despertar nele o pensamento crítico e resgatar a confiança em fontes críveis, mostrando proximidade, valendo-se de linguagem de fácil compreensão e atraente.

O fato de esta pesquisa estar centrada em temas que fazem parte do contexto vivenciado nos dias atuais nos leva a crer que a continuidade do estudo se torna fundamental, a fim de acompanhar o desenrolar do processo de desinformação e aderência da audiência a sites negacionistas, da polarização política e do crescimento de movimentos conservadores, entre outros pontos. O processo contra a desinformação requer reflexões, iniciativas e informações que nasçam de um grupo diverso, além de um monitoramento constante sobre a eficácia das ações sugeridas e adotadas.

REFERÊNCIAS

BRUNO, Fernanda; ROQUE, Tatiana. A ponta de um iceberg de desconfiança. *In*: BARBOSA, Mariana (org). *Pós-verdade, fake news: reflexões sobre a guerra das narrativas*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. Versão Kindle.

CALDEIRA NETO, Odilon. Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história. *Antíteses*, v.2, n.4, p.1097-1123, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3qHTIGZ>. Acesso em: 23 maio 2020.

COOK, John *et al.* Coronavirus, "Plandemic" and the seven traits of conspiratorial thinking. *The Conversation*, 15 maio 2020. Disponível em: <http://bit.ly/3nDD09T>. Acesso em: 20 maio 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

EDELMAN TRUST BAROMETER. *Edelman*, New York, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3mafD66>. Acesso em: 20 maio 2020.

EDELMAN TRUST BAROMETER. *Edelman*, New York, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3oFg3Dd>. Acesso em: 20 maio 2020.

FARIAS, Luiz-Alberto de. Opiniões públicas, mídias e organizações. *In*: KUNSCH, Margarida Maria K. (org.). *Comunicação organizacional e estratégica: aportes conceituais e aplicados*. São Paulo: Summus, 2016. p.241-254.

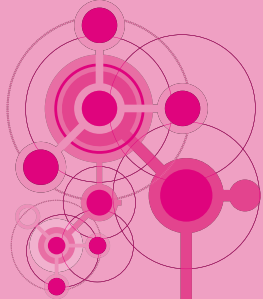
FARIAS, Luiz-Alberto de. *Opiniões voláteis: opinião pública e construção de sentido*. São Paulo: Editora Metodista, 2019.

FERRARI, Pollyana. *Como sair das bolhas*. São Paulo: Educ, 2018.

GRAÇA, Antonio. Deepfakes sofisticam a informação. *APJor: Associação Profissão Jornalista*, São Paulo, 23 out. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/379sv8o>. Acesso em: 22 maio 2020.

HAN, Byung-Chul. *No exame*. São Paulo: Vozes, 2018.

KAKUTANI, Michiko. *A morte da verdade: a falsidade na era Trump*. Lisboa: Presença, 2018.



LEMOS, André; MARQUES, Daniel. Vigilância guiada por dados, privacidade e Covid-19. *Lab404 Vigilância Guiada*, Salvador, 11 maio 2020. Disponível em: <http://bit.ly/3aj61Us>. Acesso em: 20 maio 2020.

NEIVA, Leonardo. Desde o tempo de Galileu, negação da ciência passou do campo religioso para o político, diz astrofísico. *BBC*, São Paulo, 30 maio 2020. Disponível em: <https://bbc.in/3qKtBiy>. Acesso em: 30 maio 2020.

ORESQUES, Naomi; CONWAY, Eric M. *Merchants of doubts: how a handful of scientists obscured the truth on issues of tobacco smoke to global warming*. New York: Bloomsbury, 2010.

PAREDES, Norberto. Quem é Naomi Seibt, a “anti-Greta Thunberg” que advoga contra “alarmismo ambiental”. *Época Negócios*, São Paulo, 2 mar. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/3ne9lhy>. Acesso em: 20 maio 2020.

PARISER, Eli. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ROQUE, Tatiana. O negacionismo no poder. *Piauí*, São Paulo, n.161, Fev. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/37Xv2kX>. Acesso em: 23 maio 2020.

SANTAELLA, Lucia. *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019. (Coleção Interrogações).

SOPRANA, Paula. Grupo conservador lança movimento contra avanço do Sleeping Giants no Brasil. *Folha UOL*, São Paulo, 22 maio 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3iPjpSp>. Acesso em: 23 maio 2020.

TAJRA, Alex. Todos nós vamos morrer um dia. *UOL*, São Paulo, 1 maio 2020. Disponível em: <https://bit.ly/37TvYXQ>. Acesso em: 20 maio 2020.

TESTINO, Marcelo. Negacionismo prejudica não só a saúde como conquistas e avanços da medicina. *UOL*, São Paulo, 21 maio 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3m9IVSu>. Acesso em: 21 maio 2020.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Houssein. Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making. *Council Europe Report*, Strasbourg, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3gEDABj>. Acesso em: 20 maio 2020.

Artigo recebido em 01.06.2020 e aprovado em 08.10.2020.